

O molde de foice do Castro de Álvora – Arcos de Valdevez *

Ana M. S. Bettencourt

1. Localização geográfica e circunstâncias do achado

Encontrado há alguns anos por António Martinho Baptista ¹, inserido no primeiro pano de muralhas do Castro ou Crasto de Álvora, lado Oeste, este molde permaneceu inédito até hoje, sendo apenas citado esporadicamente por alguns autores (BAPTISTA 1986,7, fig. 7; SILVA 1986, 166,172, gráf. 4).

O Castro de Álvora, que pertence ao lugar e freguesia de Álvora, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, situa-se numa elevação à cota máxima de 269m e cujas coordenadas Gauss, segundo a Carta Militar de Portugal, folha 8-extremo (Arcos de Valdevez), de 1949, na escala 1:25.000, são as seguintes ² (Est. I-1 e 2).

M. – 173,70

P. – 552,20

Sobranceiro à ribeira de Frades, afluente da margem direita da bacia do rio Vez, o povoado insere-se numa região de granitos inomogéneos de grão fino e médio, de duas micas, com excepção da encosta Oeste onde são frequentes os granodioritos porfiróides de grão médio e biotíticos ³.

* Desenho de Fernanda Barbosa e Fotografia de Manuel Santos (M.R.D.D.S.)

¹ Agradecemos ao Dr. António Martinho Baptista, arqueólogo do Parque Nacional da Peneda Gerês todas as informações prestadas.

² A. Martinho Baptista (1986, fig. 12) localiza este povoado, na Carta Corográfica de Portugal na escala 1:50.000. Armando C. F. da Silva (1986, Est. II), também cartografa a estação na escala 1:750.000.

³ Segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 1-D, na escala 1:50.000.

Trata-se de um povoado proto-histórico com ocupação da Idade do Ferro, documentada quer pela presença dos vários panos de muralhas, quer pelos fragmentos cerâmicos que encontramos à superfície e cujas características técnicas e tipológicas são frequentes nos povoados atribuíveis a este período cronológico, no Norte de Portugal.

A influência romana documenta-se nos fragmentos de tégula e de ímbrices e nas mais diversas moedas que têm aparecido à superfície, publicadas por A. C. Gomes (1979; 1980; 1981).

Uma ocupação anterior à Idade do Ferro é difícil de determinar, embora o reaproveitamento do molde no primeiro pano de muralhas, bem como os vários machados de pedra polida que aí têm sido encontrados ⁴, possam sugerir tal facto.

2. Descrição da peça

Trata-se de um molde de granito biotítico de grão fino ⁵, que reproduz um dos versos de uma foice de talão de tipo Rocanes.

A lâmina é lisa, ligeiramente encurvada na parte média do corpo da peça e adelgada no gume.

O negativo do molde permite-nos reconstituir, grosso modo, as dimensões das foices nele produzidas:

comprimento total	12,3 cm
largura do talão	4,7 cm
largura mínima da lâmina	1,9 cm
espessura do talão	1,2 cm

A parte superior apresenta uma depressão de forma irregular, aberta para o exterior e cuja finalidade poderia ser a introdução do metal aquecido (Est. II e III).

A peça encontra-se em depósito no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga ⁶.

⁴ A. C. Gomes (1979,164-166), F. A. Pereira (1924, 268), J. L. Vasconcelos (1900, 38).

⁵ Análise feita pela Prof. Dra. Graciete Dias, da Unidade de Ciências da Terra da Universidade do Minho, a quem agradecemos.

⁶ À Dra. Manuela Delgado, Presidente da Comissão Instaladora do Museu D. Diogo de Sousa expressamos o nosso reconhecimento pelas facilidades concedidas no estudo desta peça.

3. Considerações finais

A descoberta deste molde testemunha pela primeira vez a existência de um centro metalúrgico de foices de tipo Rocanes no NO peninsular, região onde, paradoxalmente, só se conhecem dois achados deste tipo de foices: o exemplar do Castro do Coto da Pena, em Caminha (SILVA 1986, 172) e o do Castro de Santa Tecla, La Guardia, Pontevedra (COFFYN 1985, 222).

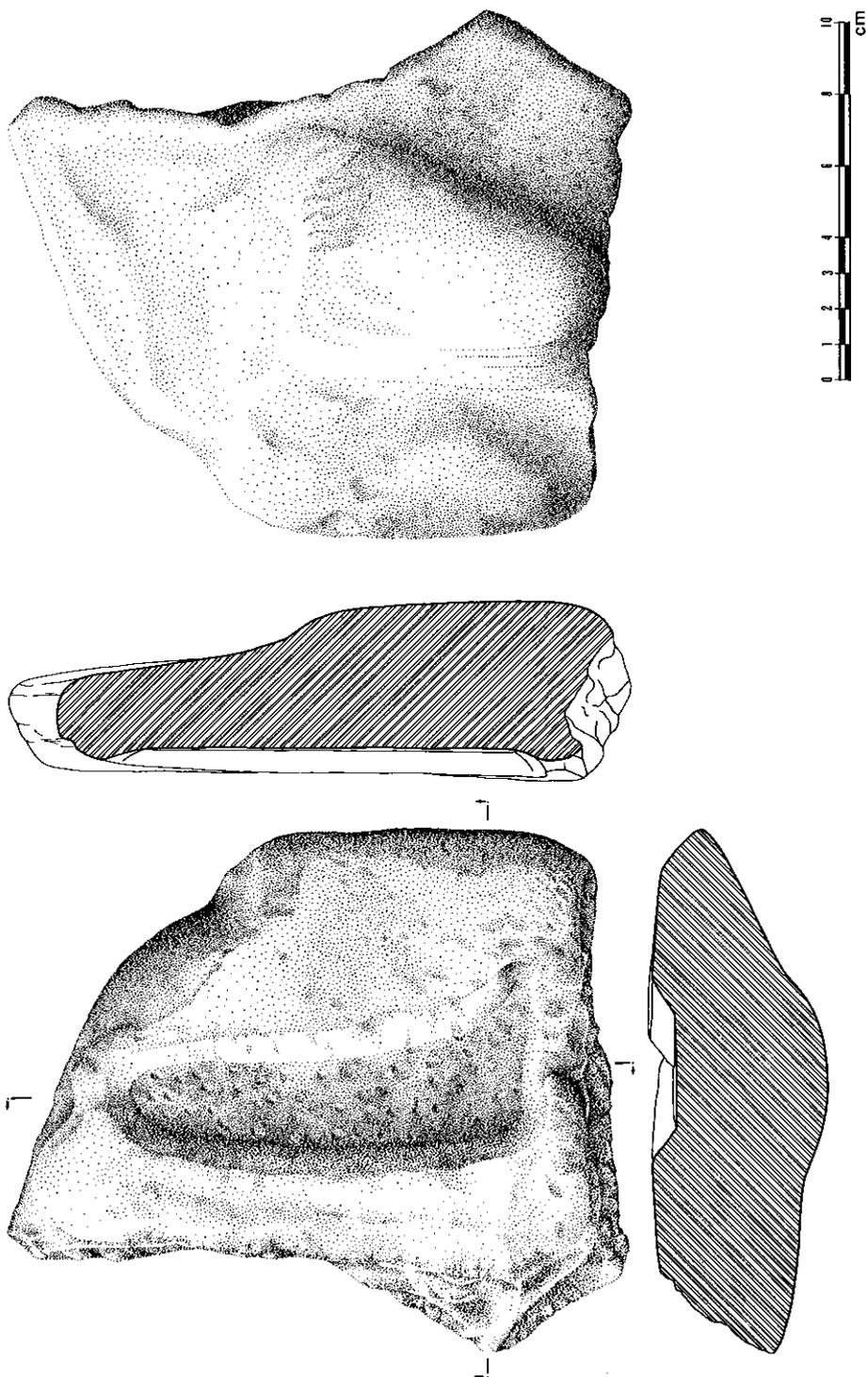
Todas as demais foices de tipo Rocanes conhecidas na Península em número de vinte, bem como o outro molde, também de pedra, provêm da zona Centro e Sul de Portugal (COFFYN 1985, 223), região que foi certamente um importante foco metalúrgico.

Cronologicamente a peça em estudo insere-se na Fase III do Bronze Final Atlântico, podendo ter sido produzida a partir da segunda metade do séc. IX a.C. e durante todo o séc. VIII a.C. (COFFYN 1985, 219-228).

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, A. M. (1986) – Adenda à notícia explicativa da Carta geológica de Portugal, folha 1-D (Arcos de Valdevez), *Arqueologia, Terra de Val de Vez*, 9, pp. 97-116, Arcos de Valdevez.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Centre Pierre, Paris, C.N.R.S., Paris.
- GOMES, C. A. (1979) – O Castro de Álvora (Subsídios para o seu estudo), *Cadernos Vianenses*, 3, pp. 161-175, Viana do Castelo.
- GOMES, C. A. (1980) – O Castro de Álvora – II (Subsídios para o seu estudo), *Terra de Val de Vez*, 1, pp. 84-162, Arcos de Valdevez.
- GOMES, C. A. (1981) – O Castro de Álvora – III (Subsídios para o seu estudo), *Terra de Val de Vez*, 2, pp. 47-51, Arcos de Valdevez.
- MOREIRA, A.; Simões, M. (1988) – *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 1-D. Arcos de Valdevez*, S.G.P., Lisboa.
- PEREIRA, F. A. (1924) – Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho, *O Arqueólogo Português*, 26, pp. 251-282, Lisboa.
- SILVA, A. C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste Português*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- VASCONCELOS, J. L. (1900) – Arqueologia do Alto-Minho, *O Arqueólogo Português*, 5, (2), pp. 33-39, Lisboa.

ESTAMPA II



Desenho do molde (Esc. 1:2).



Fotografia do molde